

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 269/2013

SOBRE O IRÃ

O Irã tem novo Presidente, Hassan Rohani, eleito limpamente, em processo que não copia as liberdades da nossa democracia mas procede a uma consulta popular que, embora vigiada pelo poder revolucionário-religioso, confere legitimidade ao eleito. E o eleito, membro da fé religiosa que lá domina o Estado, mostra uma posição política sensata, moderada e razoável, aberta ao diálogo, que o faz merecedor de respeito de todo o mundo.

O Irã é o principal país da Ásia Central, com uma história milenar que sedimentou uma cultura importante e muito própria, diferente da nossa mas profundamente respeitável. O sistema político das nações obviamente têm de respeitar suas culturas, afim de adquirir estabilidade e legitimidade. O Irã viveu um período de grande instabilidade ao longo do século passado, depois da sua revolução constitucional feita na primeira década. Nesse período convulso ocorreu, nos anos 50, o abominável golpe de estado, patrocinado pelos anglo-americanos ávidos de petróleo, que depôs o Presidente Mossadegh, o líder que havia nacionalizado a grande riqueza do seu país. Foi instalado após o golpe o governo brutal e corrupto do Xá Rehza Pahlevi, que pretendeu fazer do país uma potência militar de defesa dos interesses americanos no continente asiático. Até que, em 1979, eclodiu e triunfou, com maciço apoio popular, a Revolução Islâmica liderada pelo Aiatolá Khomeini, e, desde então, há 35 anos, o Irã mantém uma estabilidade que resiste a toda sorte de pressões e conspirações do Ocidente e executa um projeto nacional coerente com a sua cultura própria. É um regime que oprime a oposição pró-ocidente, que tem expressão importante na Capital, mas procura manter uma dose de tolerância dentro da sua ordem legal, que não é, nem pretende ser, democrática como a nossa.

Quando o novo Presidente Rohani, tido como competente negociador, expressa disposição ao diálogo, está se referindo a duas questões que estão na raiz da forte tensão que seu país mantém com o ocidente, e que prejudica intensamente seu processo de desenvolvimento econômico, em razão das pesadas sanções a que está submetido por parte das potências ocidentais. Uma dessas questões é nítida e explícita, é o seu programa de energia nuclear; a outra é difusa, implícita e mais profunda: sua convivência com Israel. O outro, terceiro ponto de tensão, que foi dominante em tempos passados, a exploração imperialista do petróleo, está praticamente resolvido no presente.

Em princípio, aquelas duas acima apontadas não são questões de dificuldade intransponível, mas são bastante obstaculizadas pelo interesse norteamericano em evitar, no coração daquele vasto continente, o crescimento de uma potência média que não se alinha com o seu comando político mas tem laços de afinidade internacional com a China e com a Rússia.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 269/2013

A primeira, a questão nuclear, é menos problemática e esteve até próxima de um entendimento, feito com a mediação do Brasil e da Turquia e rompido drasticamente pelos Estados Unidos quando se sentiram ultrapassados pelas negociações. O fato é que o Irã leva à frente, sozinho, o projeto nacional de dominar a tecnologia da energia nuclear, indispensável à estabilidade de sua soberania, cercado que está de países que possuem a bomba atômica: China, Índia, Paquistão e Israel. O Irã não abrirá mão deste projeto nacional mas pode perfeitamente negociar prazos e etapas desse processo, ganhando uma liberdade vigiada para desenvolver a tecnologia para fins pacíficos, de produção de energia, e construir as condições científicas e tecnológicas para fazer a sua bomba no tempo futuro que achar necessário. Aparentemente, é por aí que o novo Presidente pretende retomar o diálogo. Evidentemente, essa negociação será enormemente facilitada pela redução do peso da outra questão, muito mais complexa, a da convivência com Israel.

Muito mais complexa até porque envolve não só o Irã mas todo o mundo muçulmano. Efetivamente, Israel é um pequeno território encravado numa imensa região, do Oriente Médio asiático a todo o norte da África, que há mil e quatrocentos anos é habitada por povos islâmicos. Este é o significado da “ferida” mencionada pelo novo Presidente, supondo que uma ferida possa ser cicatrizada, não necessariamente ser removida por cirurgia, como queria explicitamente o antigo presidente substituído. O problema resulta de que, antes do Islamismo, aquela terra foi, por séculos e séculos, o lar histórico dos judeus, que conseguiram a ele retornar, com apoio de todo o mundo não muçulmano, após a guerra contra o nazismo.. Essas realidades são tão fortes, importantes, profundas e decisivas que não se negociam em nenhum mercado, nem sob nenhuma ameaça.

A melhor interpretação da “ferida” mencionada pelo Presidente Rohani pode entretanto conduzir a um entendimento, demorado e extremamente difícil mas não impossível, na medida em que corresponde ao maior anseio mundial em termos de política de paz internacional: a pacificação do Oriente Médio, com o reconhecimento de Israel, com todo o seu brilho histórico, cultural, científico e democrático, por parte do mundo muçulmano.

A construção de soluções problemáticas tem de começar pela crença na sua possibilidade. O novo governo do Irã parece admitir essa possibilidade; cabe ao governo israelense olhar a questão sem o negativismo da incredulidade. Se isso ocorrer, o mundo finalmente poderá acreditar na Paz Perpétua de Immanuel Kant.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br